



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS**



GIOVANNA MARIA SANTOS SCHEAVOLIN

**PROPOSTA DE UM MODELO DE AVALIAÇÃO DE  
PROJETOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DE  
UNIVERSIDADES BRASILEIRAS**

Limeira  
2022



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS**



**GIOVANNA MARIA SANTOS SCHEAVOLIN**

**PROPOSTA DE UM MODELO DE AVALIAÇÃO DE  
PROJETOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DE  
UNIVERSIDADES BRASILEIRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Administração à Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Muriel de Oliveira Gavira

Limeira  
2022

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca da Faculdade de Ciências Aplicadas  
Ana Luiza Clemente de Abreu Valério - CRB 8/10669

Sch21p Scheavolin, Giovanna Maria Santos, 1999-  
Proposta de um modelo de avaliação de projetos de extensão universitária de universidades brasileiras / Giovanna Maria Santos Scheavolin. – Limeira, SP : [s.n.], 2022.

Orientador: Muriel de Oliveira Gavira.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas.

1. Extensão universitária. I. Gavira, Muriel de Oliveira, 1978-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Aplicadas. III. Título.

Informações adicionais, complementares

**Título em outro idioma:** Proposal of an evaluation model for extension projects in Brazilian universities

**Palavras-chave em inglês:**

University extension

**Titulação:** Bacharel em Administração

**Data de entrega do trabalho definitivo:** 23-07-2022

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais e irmão, por me acompanharem, trazendo lucidez e calma ao longo dessa trajetória.

À Professora Muriel, por toda paciência e solicitude durante a orientação.

SCHEAVOLIN, Giovanna Maria Santos. Título: Proposta de um modelo de avaliação de projetos de extensão universitária de universidades brasileiras. 2022. 41. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração.) – Faculdade de Ciências Aplicadas. Universidade Estadual de Campinas. Limeira, 2022.

## RESUMO

Este estudo buscou criar um modelo de avaliação de projetos de extensão de universidades brasileiras. A necessidade desta pesquisa se justifica pela demanda em aprofundar os conhecimentos sobre extensão universitária, em especial no que tange a sua avaliação, possibilitando mapear o perfil dos projetos extensionistas executados pela instituição e o quão alinhados estão aos princípios norteadores da extensão universitária. Para isso, foi realizada uma pesquisa exploratória com abordagens bibliográfica e documental e estudo de caso. A pesquisa bibliográfica foi realizada para compreensão e aprofundamento do tema, através do entendimento das concepções e diretrizes da extensão no Brasil, fornecendo embasamento para as proposições do modelo de avaliação de projetos. Para a pesquisa documental, o marco da extensão em universidades brasileiras foi analisado principalmente com base nos documentos elaborados pelo Forproex. Outros autores também foram utilizados para configurar o que se entende por extensão universitária e suas implicações. Como estudo de caso, se escolheu a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), baseando-se em dados coletados dos projetos de extensão contemplados pelo edital de apoio a Extensão (PEC e PEx) juntos à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Unicamp. A partir desse recorte foi possível entender o perfil dos projetos, evidenciando que a extensão fomentada na Unicamp valoriza os saberes criados na comunidade e efetiva a via de mão-dupla da troca de conhecimento. Assim, os projetos de extensão ocupam posição estratégica promovendo interação dialógica, indissociabilidade com Ensino e Pesquisa e incentiva a interdisciplinaridade. Há reconhecimento dessas diretrizes por parte dos proponentes dos projetos, ainda que de maneira fragmentada. O desafio é integrar esses conceitos de forma a gerar cada vez mais a transformação social e evidenciar o protagonismo da comunidade.

**Palavras-chave:** Extensão. Relação Universidade-Sociedade. Indissociabilidade. Projetos de Extensão.

SCHEAVOLIN, Giovanna Maria Santos. Título: Proposal of an evaluation model for extension projects in Brazilian universities. 2022. 41. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração.) – Faculdade de Ciências Aplicadas. Universidade Estadual de Campinas. Limeira, 2022.

## ABSTRACT

This work sought to elaborate an evaluation model for Brazilian universities' extension projects. The reason for this research is justified by the demand to deepen knowledge about university extension, especially regarding its evaluation, making it possible to map the profile of extension projects carried out by the institution and how aligned they are to the guiding principles of university extension. For this, an exploratory research was carried out with bibliographic and documentary approaches and a case study. The bibliographic research aimed to understand and deepen the theme, through the understanding of the concepts and guidelines of extension in Brazil, providing a basis for the propositions of the project evaluation model. For the documentary research, the framework of extension in Brazilian universities was analyzed mainly based on the documents provided by Forproex. Other authors were also used to define what is meant by university extension and its implications. As a case study, the State University of Campinas (Unicamp) was chosen based on data collected from the extension projects contemplated by the public notice of support for Extension (PEC and PEx) together with the Unicamp Pro-Rectorate of Extension and Culture. From this framework it was possible to understand the profile of the projects, showing that the extension promoted at Unicamp values the knowledge created in the community and supports the two-way knowledge exchange effectively. Therefore, extension projects place a strategic position promoting dialogic interaction, inseparability with Teaching and Research and encouraging interdisciplinarity. Project proponents recognize these guidelines, albeit in a fragmented way. The challenge is to integrate these concepts in order to promote even more the social transformation and highlight the community's role.

**Keywords:** Community Engagement. Extension. University-Society Relationship. Outreach.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Gráfico “Localização (total de projetos nos três anos)”.....	24
Figura 2	Gráfico “Áreas temáticas (distribuição por ano ano)” .....	26
Figura 3	Gráfico “Concepção (Tradicional x Crítica)” .....	27
Figura 4	Gráfico “Envolvimento da comunidade” .....	30

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Quantidade de projetos contemplados .....	23
Tabela 2	Projetos x Concepção Extensionista.....	27
Tabela 3	Diretrizes Extensionistas.....	28
Tabela 4	Contribuições da Extensão para o Ensino.....	28
Tabela 5	Contribuições para formação dos estudantes.....	29
Tabela 6	Contribuições da Extensão para a Pesquisa.....	29
Tabela 7	Envolvimento da Comunidade e Concepção Extensionista.....	30
Tabela 8	Projetos de Prestação de Serviço e Concepção Extensionista	31

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Ações de Extensão segundo Forproex.....	15
Quadro 2	Diretrizes para Ações de Extensão segundo Forproex.....	16
Quadro 3	Critérios de Avaliação da Extensão segundo Forproex.....	18
Quadro 4	Planejamento Estratégico para Engajamento Comunitário.....	19
Quadro 5	Avaliação de Projetos de Extensão incluídos no currículo universitário	20
Quadro 6	Análise qualitativa das respostas.....	22
Quadro 7	Processo de Comunicação: Universidade-Sociedade.....	23

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>FORPROEX</b>	Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras
<b>MG</b>	Minas Gerais
<b>MS</b>	Mato Grosso do Sul
<b>MT</b>	Mato Grosso
<b>PEC</b>	Projeto de Extensão Comunitária
<b>PEx</b>	Projeto de Extensão
<b>PROEC</b>	Pró-Reitoria de Extensão e Cultura
<b>SP</b>	São Paulo

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	11
1.1	Definição do problema .....	11
1.2	Objetivos .....	12
1.2.1	<i>Objetivo Geral</i> .....	12
1.2.2	<i>Objetivos Específicos</i> .....	12
1.3	Justificativa .....	13
2	REVISÃO TEÓRICA .....	13
2.1	Configuração da Extensão Universitária no Brasil .....	13
2.2	Avaliação da Extensão Universitária .....	16
2.3	Modelos de avaliação da Extensão Universitária .....	17
3	METODOLOGIA .....	20
4	Resultados e Discussão .....	23
4.1	Localização .....	24
4.2	Áreas Temáticas .....	25
4.3	Concepção Extensionista .....	26
4.4	Diretrizes Extensionistas .....	27
4.4.1	<i>Indissociabilidade: Ensino e Pesquisa</i> .....	28
4.5	Envolvimento da Comunidade .....	29
5	Considerações Finais .....	36
	REFERÊNCIAS .....	37
	APÊNDICE A – CRITÉRIOS AVALIATIVOS .....	41

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Definição do problema

Essa pesquisa busca, através de uma pesquisa exploratória e de um estudo de caso, apresentar um modelo de avaliação de projetos de extensão universitária para universidades brasileiras. A importância da pesquisa se dá pelo impacto que a extensão tem, não somente para a universidade, mas considerando o protagonismo do engajamento comunitário.

Ensino, pesquisa e extensão, de acordo com a Constituição Federal de 1988, compõem as três, indissociadas, missões das universidades brasileiras (BRASIL, 1988), sendo a extensão uma ponte entre universidade e os outros atores da sociedade. Busca-se, portanto, propor um modelo de avaliação que permita visualizar o grau de alinhamento entre teoria e prática de projetos extensionistas.

A falta de uma extensão adequada leva ao distanciamento da sociedade (SLEUTJES, 1999). Porém, se verifica, na prática, grande dificuldade por parte da própria universidade em entender e dimensionar a extensão, devido à sua complexidade. O próprio Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (Forproex) teve anos de debate sobre possíveis indicadores para avaliação da extensão das universidades públicas brasileiras (MAXIMIANO, 2017).

Entender esse conceito é relevante para que haja efetividade nas ações de extensão, sendo a extensão um processo em que universidade e sociedade estão dispostas a entregar e a receber conhecimento de qualquer natureza (RIBEIRO, 2011). Partindo desse princípio de parceria, a extensão deve estabelecer uma relação dialógica e transformadora, promovendo a aprendizagem mútua (FORPROEX, 2012). Porém, Mendonça e Silva (2002) afirmam que apenas uma pequena parcela da população tem acesso aos conhecimentos gerados nas instituições de ensino superior.

Desse modo, a extensão surge para suprir parte dessa demanda de democratização de acesso ao que é produzido pela Universidade. Para Arroyo e Rocha (2010, p. 4), implementar e desenvolver ações extensionistas requer que as universidades valorizem a atuação da instituição junto à sociedade como um todo, buscando o compartilhamento de saberes que contribuem para a transformação social.

## **1.2 Objetivos**

### *1.2.1 Objetivo Geral*

Entendendo o papel importante desempenhado pela extensão no contexto universitário, esta pesquisa tem por objetivo propor um modelo de avaliação para projetos de extensão universitária aplicado ao contexto das universidades brasileiras.

Para tanto, o modelo será testado e validado em dados dos projetos contemplados pelo edital PEC da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) dos anos de 2017 a 2019, permitindo entender como esses projetos estão alinhados com as diretrizes da extensão universitária definidas pelo Forproex (2012) sendo elas Interação Dialógica; Interdisciplinaridade; Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão; Impacto na Formação do Estudante e Impacto e Transformação Social.

### *1.2.2 Objetivos Específicos*

- Explorar literaturas referentes à extensão universitária;
- Apresentar os resultados obtidos a partir do tratamento de dados seguindo o modelo de avaliação;
- Entender o perfil extensionista desempenhado pela Unicamp entre 2017 e 2019.

### **1.3 Justificativa**

Esta pesquisa se justifica pela importância de se atribuir métodos avaliativos aos projetos extensionistas executados pelas instituições de ensino superior, possibilitando verificar o quanto as atividades estão em consonância com as diretrizes. A avaliação pode contribuir para aperfeiçoamento das práticas extensionistas, fomentar discussões internas e auxiliar na construção de um planejamento estratégico voltado para a indissociabilidade, posicionando a extensão enquanto parte essencial da universidade.

Da mesma forma, responde a pressões dos outros membros da sociedade para ações e impactos mais próximos aos desafios sociais e para transparência dos investimentos realizados nas universidades brasileiras.

Este trabalho será futuramente submetido para revista científica da área, e por tanto foi elaborado em formato de artigo.

## **2 REVISÃO TEÓRICA**

### **2.1 Configuração da Extensão Universitária no Brasil**

A trajetória extensionista no Brasil é marcada por diferentes momentos e interpretações do conceito de extensão. O processo de institucionalização da universidade no Brasil foi tardio com relação ao histórico mundial, e isso não foi diferente com a extensão. É somente a partir de 1808 que são criados cursos e instituições destinados a formar profissionais, como criação de centros médicos-cirúrgicos que hoje dão lugar a Faculdades de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade Federal da Bahia (UFBA) (VILLANOVA, 1948).

Segundo Nogueira (2001), as primeiras experiências de extensão no Brasil remontam ao início do século XX. A exemplo temos a Universidade de São Paulo/SP, com a pretensão de disseminar a cultura acadêmica para a população, de modo a inaugurar “cursos de extensão” (CUNHA, 1983).

Entre 1960 e 1961, a União Nacional dos Estudantes se posicionou em defesa de uma “Universidade comprometida com as classes populares, com o proletariado urbano e o rural” (NOGUEIRA, 2001, p. 59), evidenciando o papel da extensão em uma conotação de engajamento social, de modo que abrangesse cursos que contemplassem toda a população, prestação de serviço à órgãos públicos e evidenciando o viés assistencialista (NOGUEIRA, 2001). Outro apontamento sobre a extensão universitária é dado por Nogueira (2001), que afirma que até meados da década de 80, as universidades brasileiras se baseavam em dois modelos de extensão: o europeu e o americano. O modelo europeu era marcado pelo oferecimento de cursos e o americano pela entrega de serviços.

Evidencia-se, portanto, o caráter mutável das práticas extensionistas, devendo levar em consideração o contexto da instituição, que afeta não somente os aspectos relacionados à extensão, mas também no que tange ensino e pesquisa, influenciando diretamente como se dá essa relação entre os três componentes. Segundo estabelece FORPROEX (2012), temos cinco tipos de ações extensionistas, resumidas no quadro a seguir.

**Quadro 1. Ações de Extensão segundo Forproex.**

<b>Ação</b>	<b>Definição</b>
<b>Programa</b>	Conjunto de ações que articula projetos e até mesmo outras ações extensionistas a médio e longo prazo.
<b>Projeto</b>	Ação contínua e processual, classificada de acordo com seu caráter: educativo, social, cultural, científico ou tecnológico; deve contemplar objetivo específico e tem prazo determinado.
<b>Curso</b>	Ação pedagógica (prática/teórica), presencial ou a distância com carga horária mínima de 8 horas e critérios avaliativos pré-definidos.
<b>Evento</b>	Ação que abarca apresentação de divulgação de conhecimento ou com caráter cultural, artístico, esportivo, científico e tecnológico.
<b>Prestação de Serviço</b>	Realização de trabalho promovido pela própria universidade ou por terceiros (empresa, órgão público etc.).

Fonte: Elaboração própria a partir de Forproex (2012)

FORPROEX (2012) estabeleceu cinco diretrizes base para as práticas extensionistas, que atuam enquanto norteadoras para formulação e implemetação das ações.



**Quadro 2. Diretrizes para Ações de Extensão segundo Forproex.**

<b>Diretriz</b>	<b>Definição</b>
<b>Interação Dialógica</b>	Estabelece que as relações devem prezar pelo diálogo, e que haja um intercâmbio de conhecimento, fomentando o aprendizado mútuo. Ou seja, a universidade não deve apenas entregar saber, mas receber também, reconhecendo o papel da sociedade no desenvolvimento da universidade.
<b>Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade</b>	Propõe a amalgama entre especialização e visão holística, superando visões generalistas da complexidade social.
<b>Indissociabilidade Ensino – Pesquisa – Extensão</b>	Trata da indissociabilidade entre Ensino-Pesquisa-Extensão, garantindo a extensão como processo acadêmico. Esse suposto afirma que ocorre maior efetividade quando os três estão vinculados e da relevância da extensão na formação dos envolvidos e geração de conhecimentos.
<b>Impacto na Formação do Estudante</b>	Com o intuito de promover a curricularização da extensão, esta diretriz propõe que se agrega valor à formação individual do estudante, ampliando seu espectro e possibilitando uma visão macro das questões sociais.
<b>Impacto e Transformação Social</b>	Estipula a extensão enquanto prática transformadora no meio social, além de ser transformada durante essa interação, proporcionando uma via de mão dupla de transformação.

Fonte: Elaboração própria a partir de Forproex (2012)

## 2.2 Avaliação da Extensão Universitária

Revisar a concepção de extensão em documentos de uma Instituição de Ensino Superior pode evidenciar, de modo prático, o conceito entendido por aqueles que a praticam e, de maneira mais ampla, o entendimento do papel da instituição frente aos demais membros da sociedade e seus desafios sociais.

Bartnik e Silva (2010) afirmam que o intuito de avaliar a extensão não é meramente para controle interno e prestação de contas, mas “como forma de trazer subsídios que permitam confirmar decisões e ações bem-sucedidas, inserir escolhas que se revelem necessárias e reorganizar ações inadequadas” (BARTNIK e SILVA, 2010, p. 464).

Sobrinho (2008) afirma que o processo de avaliação não se esgota ao se estabelecer indicadores ou na obtenção de dados comparativos, mas se torna completa quando se busca “os sentidos da realidade objetivamente constatada, questiona, pergunta pelas causas e pelas possibilidades de superação, estabelece metas e estratégias, investe em programas e projeta futuros desejáveis”

(SOBRINHO, 2008, p. 78). A excelência da avaliação da extensão não está em examinar o realizado, mas nos caminhos futuros e nas futuras tomadas de decisão a partir do que foi levantado. Dessa maneira, podemos entender a avaliação enquanto uma ferramenta de gestão acadêmica que possibilita muito além de simplesmente extrair dados quantitativos e qualitativos, mas impulsionar reflexões sobre as atividades extensionistas realizadas na universidade, mapeando o perfil extensionista praticado, entendendo sua articulação, abrangência e atores (internos e externos) envolvidos, visualizando os desafios e oportunidades de melhoria, permitindo a elaboração ou aprimoramento do planejamento estratégico institucional.

Arroyo e Rocha (2010) apontam que a avaliação implica em um processo de transformação que busca pela continuidade e melhoria do que se avalia e de seus respectivos instrumentos. A transformação não seria apenas produto da avaliação, mas sim o objetivo intrínseco desde a elaboração dos indicadores. É necessário construir instrumentos a partir dos quais se possa também identificar fragilidades, fortalecer os vínculos com o ensino e a pesquisa, direcionar a elaboração das políticas institucionais, projetar as ações da universidade dentro e fora dela, segundo o contexto social no qual ela se encontra (ARROYO;ROCHA, 2010, p. 145)

A seguir apresentamos alguns modelos que podem ser adotados ao se avaliar a extensão.

### 2.3 Modelos de avaliação da Extensão Universitária

Dada a importância de se avaliar continuamente as ações extensionistas, devemos estabelecer de que maneira será conduzida a avaliação. Podemos pensar a avaliação da extensão sob diversas óticas. Aqui consideraremos duas vertentes ou níveis que podem ser adotados.

A extensão pode ser avaliada no nível da Universidade e suas unidades administrativas (departamentos, unidades de ensino, centros de pesquisa etc.) analisando aspectos e dimensões atreladas a **gestão e resultados da extensão**, verificando, entre outras coisas, o compromisso da instituição com a extensão. Maximiano (2017), estabelece cinco dimensões avaliativas para as ações de extensão da universidade: Política de Gestão, Infraestrutura, Relação Universidade – Sociedade, Plano Acadêmico e Produção Acadêmica. O quadro X a seguir visa

definir esses critérios. Cada uma dessas dimensões possui indicadores associados que buscam medir recursos dedicados, ações realizadas e resultados.

**Quadro 3: Critérios de Avaliação da Extensão segundo Forproex.**

<b>Crêterios de avalia�o</b>	<b>Defini�o</b>	<b>Número de indicadores</b>
<b>Política de Gestão</b>	Se avalia a partir dos objetivos da a�o, através de suas atribui�es e instrumentos que evidenciam a missão extensionista.	15
<b>Infraestrutura</b>	Aspectos físicos e de gestão da realiza�o da extensão e consolida�o das metas e objetivos.	10
<b>Rela�o Universidade – Sociedade</b>	Abrange o impacto da presença da a�o na sociedade e como a universidade se posiciona no sentido de intera�o dialógica.	14
<b>Plano Acadêmico</b>	Análise da possibilidade de curriculariza�o da extensão, incentivando a integra�o dos agentes da extensão (docentes, discentes e funcionários).	10
<b>Produ�o Acadêmica</b>	Produtos que derivam da a�o extensionista, que promove a elabora�o e propaga�o de conhecimentos na esfera universitária.	9

Fonte: Elabora o própria a partir de Maximiano (2017)

Ainda nesse sentido, podemos citar o modelo elaborado pela Carnegie que avalia o planejamento estratégico adotado pelas institui es, que facilita a revisão desse planejamento e autoavalia o.

**Quadro 4: Planejamento Estratégico para Engajamento Comunitário.**

Critérios de avaliação	Descrição
<b>Transforming the Student Experience – Engajamento discente</b>	Através da reafirmação do engajamento discente, com suporte aos estudantes e treinamentos além de um acompanhamento contínuo das atividades realizadas e diversificação de oportunidades, tendo a diversificação e inclusão como chave essencial. Incluem atividades curriculares e extra-curriculares.
<b>Transforming Impact –Impacto</b>	Aumentar o vínculo entre instituição e comunidade parceira através de uma colaboração efetiva que valora os conhecimentos da comunidade e preza a comunicação, agregando valor para ambas as partes.
<b>Integrating Academic Excellence –Parcerias</b>	Criar uma cultura entorno do engajamento, através de políticas de desenvolvimento e implementação, aumentando o número de parcerias e envolvendo os estudantes através da disseminação desta cultura.
<b>Strengthening Engagement Infrastructure – Recursos para extensão</b>	Investimentos em mobilização de pessoal para as atividades bem como de recursos financeiros o suporte necessário, mantendo uma comunicação ativa e transparente, promovendo ações inclusivas em todo o processo e garantindo que estas se alinhem com os propósitos da instituição.

Fonte: Elaboração própria a partir de Carnegie (2018)

Podemos ainda avaliar sob a ótica das **ações de extensão**. Neste trabalho, focamos na avaliação de projetos de extensão.

Segundo Camilloni (2017), podemos avaliar os projetos sob a ótica de integração entre ensino e extensão podem ser avaliados em dimensões que envolvem *inputs* (envolvimento de docentes e discentes, infraestrutura) e *outputs* (satisfação da comunidade contemplada, desempenho, objetivos alcançados e produções atreladas ao projeto).

**Quadro 5: Avaliação de Projetos de Extensão incluídos no currículo universitário.**

<b>Indicador</b>	<b>Definição</b>
<b>Aprendizado dos estudantes</b>	Atitudes, competências, conhecimentos, compromisso com a comunidade e aspectos profissionais orientados para a carreira.
<b>Desenvolvimento dos docentes</b>	Compreende os aspectos profissionais e acadêmicos dos docentes envolvidos na ação.
<b>Satisfação da comunidade</b>	Nível de satisfação e aprendizagem adquirida da comunidade atendida.
<b>Desenvolvimento dos organizadores</b>	Atendimento dos objetivos relacionados ao desempenho da equipe, além de competências adquiridas ao longo do processo.
<b>Qualidade do serviço</b>	Aspectos qualitativos relacionado à produção gerada pelo projeto.

Fonte: Elaboração própria a partir de Camilloni (2017)

### **3 METODOLOGIA**

Para atingir o objetivo, foi realizada uma pesquisa exploratória com abordagens bibliográfica, documental e estudo de caso.

Na pesquisa bibliográfica e documental, buscou-se o entendimento de conceitos fundamentais de extensão universitária, bem como seu histórico, concepções e diretrizes para posteriormente criar o modelo de avaliação de projetos de extensão. A leitura e análise de vários documentos oficiais de instituições da área que tratam de extensão possibilitou entender quais são as temáticas pertinentes à pesquisa e que serviram de base para a criação do modelo de avaliação.

Para validar o modelo, realizou-se a coleta de dados dos projetos contemplados pelo pelos editais PEC/PEX, compreendendo os anos entre 2017 e 2019. Os dados foram disponibilizados pela PROEC.

Para os dados quantitativos, a análise deu-se por estatística descritiva. Quanto aos dados qualitativos coube a análise do conteúdo, entendendo como esses dados se alinham a partir do referencial teórico que forneceu base para a elaboração de indicadores utilizados para classificação dos dados dos projetos PEC, de modo a facilitar a compreensão das ações extensionistas dentro da Unicamp,

possibilitando identificação de padrões e o entendimento de extensão na instituição, ou seja, como se dá essa interação entre universidade e sociedade. A Unicamp foi escolhida devido sua relevância no âmbito acadêmico e social, além da oportunidade de acesso aos dados junto à PROEC.

Os dados fornecidos estavam dispostos em planilhas consonantes com as perguntas do formulário de submissão de projetos para editais de apoio a projetos de extensão PEC (2017) e PEx (2018 e 2019). As perguntas, em sua maioria, eram abertas, portanto verificou-se a necessidade de classificar essas perguntas de modo que permitisse a análise e comparação, em formato de indicadores, compreendendo a etapa de metodologia de avaliação. Essa classificação e análise foi baseada em quatro diretrizes do Forproex que foram transformadas em rubricas de análise, bem como no modelo de processo de comunicação de Bravo (2011). A rubrica consta no apêndice deste projeto.

Para a classificação de concepção de extensão expressa nos projetos, utilizou-se da análise de três campos de dados do formulário: introdução, objetivo geral e metodologia, além da pergunta “Por que o projeto deve ser enquadrado como iniciativa de extensão comunitária?”. O projeto poderia ser classificado de duas maneiras, de acordo com a natureza extensionista: tradicional ou crítica.

Temos enquanto tradicional a extensão que visa apenas atender a demandas sociais, sem exercer interação dialógica. Os projetos que não deixavam claro (ou quando era inexistente) a relação entre Ensino e Pesquisa ou quando a comunidade exercia papel passivo foram classificados enquanto concepção tradicional. Portanto, **os projetos classificados como tradicionais não atendiam a interação dialógica.**

Em contrapartida, **os projetos críticos deveriam explicitar de que maneira ocorreria a relação dialógica** com a comunidade, evidenciando o protagonismo do público-alvo do projeto e **deveria se encaixar em pelo menos mais um dos seguintes itens:**

- I. Indissociabilidade;
- II. Interdisciplinaridade;
- III. Transformação Social.

Em rubrica, consta o que se levou em consideração para entender se o projeto atendia a esses critérios (interação dialógica, indissociabilidade, interdisciplinaridade e transformação social), que foi feita a partir da análise das seguintes perguntas:

**Quadro 6: Análise qualitativa das respostas.**

Diretriz	Perguntas Analisadas
<b>Indissociabilidade</b>	1) Quais as contribuições do projeto para suas atividades de ensino, já realizadas ou potenciais? 2) Quais as contribuições do projeto para suas atividades de pesquisa, já realizadas ou potenciais?
<b>Interdisciplinaridade</b>	1) Quais as contribuições esperadas do projeto para a formação acadêmica, profissional e cidadã dos estudantes envolvidos?
<b>Transformação Social</b>	1) Quais resultados e impactos de longo prazo o projeto deve trazer para a comunidade/sociedade? 2) Como o projeto pode contribuir para o estreitamento da relação entre a universidade e a sociedade?

Fonte: Elaboração própria.

Além de classificar a concepção, pode-se agrupar os projetos enquanto Prestação de Serviço. Os projetos que visavam entregar algum serviço, curso e/ou atender demanda específica se encaixaram nesse item. Entretanto, é importante apontar que não necessariamente está atribuído apenas à projetos de concepção Tradicional, mas também em projetos Críticos. Nesse último, apresentavam algum grau de interação dialógica e/ou citavam a indissociabilidade entre Ensino e Pesquisa.

Quanto a maneira em que se dá o envolvimento da comunidade externa à Unicamp, temos:

- I. Informação e Comunicação;
- II. Divulgação;
- III. Difusão Acadêmica;
- IV. Difusão Cultural;
- V. Impacto e Transformação Social.

Essa classificação considerou as dimensões propostas por Bravo (2011), que estabelece que a relação/comunicação entre universidade e comunidade pode ser classificada em níveis, cada um compreendendo um grau de envolvimento e de ações realizadas, em ordem crescente de coparticipação. Para essa classificação, analisou-se a pergunta: “De que maneiras a comunidade externa à Unicamp será envolvida no projeto?”

#### **Quadro 7. Processo de Comunicação: Universidade-Sociedade.**

<b>Níveis</b>	<b>Objetivo da Ação</b>
<b>1- Informação e Comunicação</b>	Informa a comunidade dos projetos e questões que envolvem a Universidade; apresenta a instituição e o que representa; presença indireta.
<b>2- Divulgação</b>	Informação e início de estreitamento da relação com a comunidade; entrega prestação de serviço; presença direta, mas não permanente.
<b>3- Difusão Acadêmica</b>	Formação de opinião e de conhecimentos, abertura a troca de conhecimentos (em geral, como objetivo secundário); presença direta, mas não permanente.
<b>4- Difusão Cultural</b>	Aumento da participação da comunidade através de discussões; valorização do conhecimento criado socialmente; presença direta e permanente
<b>5- Impacto e Transformação Social</b>	Participação ativa dos grupos sociais no desenvolvimento da extensão. Decisão e ação conjunta ente Universidade e Comunidade.

Fonte: Elaboração própria a partir de Bravo (2011).

## **4 Resultados e Discussão**

A seguir temos as ilustrações dos dados analisados e suas implicações, priorizando os mais relevantes para esse projeto e suas proposições iniciais. Para dimensionar a análise, temos a quantidade de projetos contemplados pelo Edital PEC/PEX.

#### **Tabela 1. Quantidade de Projetos contemplados.**

	<b>Projetos Contemplados</b>
<b>2017</b>	46
<b>2018</b>	38
<b>2019</b>	37
<b>Total em 3 anos</b>	121

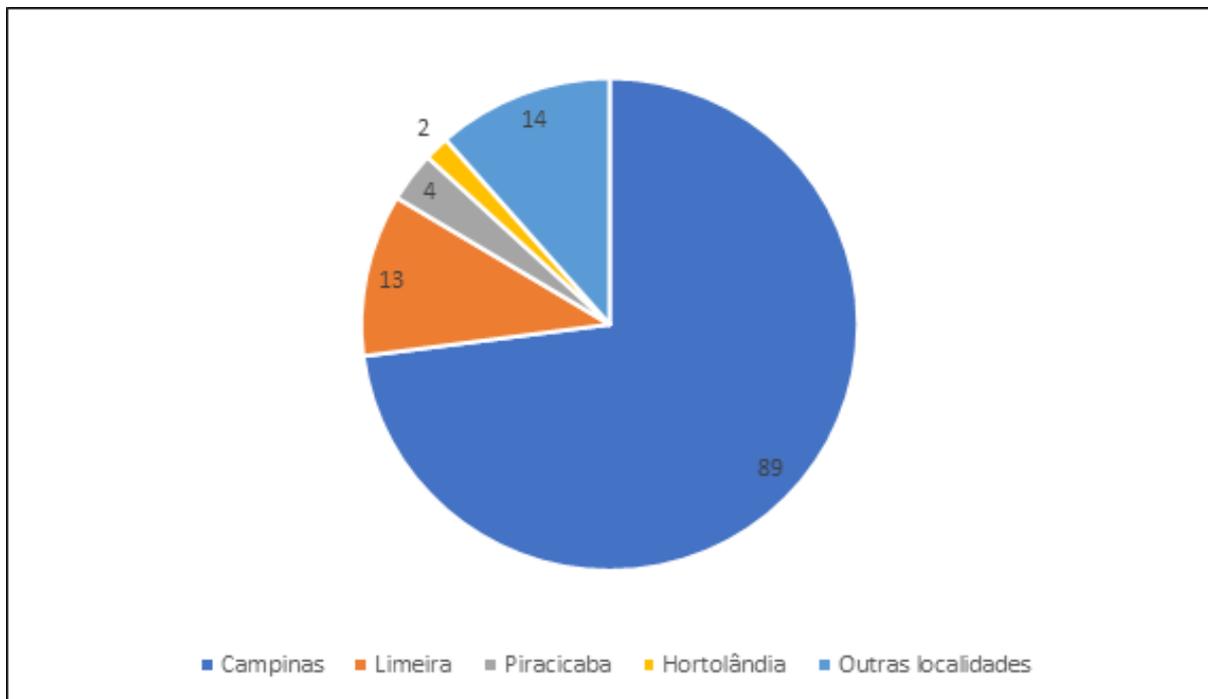
Fonte: Elaboração própria.

A explicação para que no ano de 2017 houvesse um número maior de projetos se deve por uma decisão orçamentária que visava contemplar um número maior de ações. Desse modo, o orçamento liberado para cada projeto foi reduzido (o orçamento solicitado poderia chegar até R\$12.000,00 e a média liberada foi de R\$8.400,00). Nos demais anos essa lógica foi descontinuada. Já em 2018, por exemplo, o valor liberado para projeto foi mais próximo ao orçamento solicitado (que poderia chegar até R\$10.000,00). A maioria das ações aprovadas naquele ano chegaram próximo a esse valor de R\$10.000,00, indicando menor racionamento entre projetos. Isso se verifica na própria publicação de resultados disponibilizada no site da PROEC.

#### 4.1 Localização

No gráfico a seguir (Figura 1) vemos a distribuição dos projetos por localização ao longo dos três anos.

**Figura 1. Gráfico “Localização (total de projetos nos três anos)”.**



Fonte: Elaboração própria.

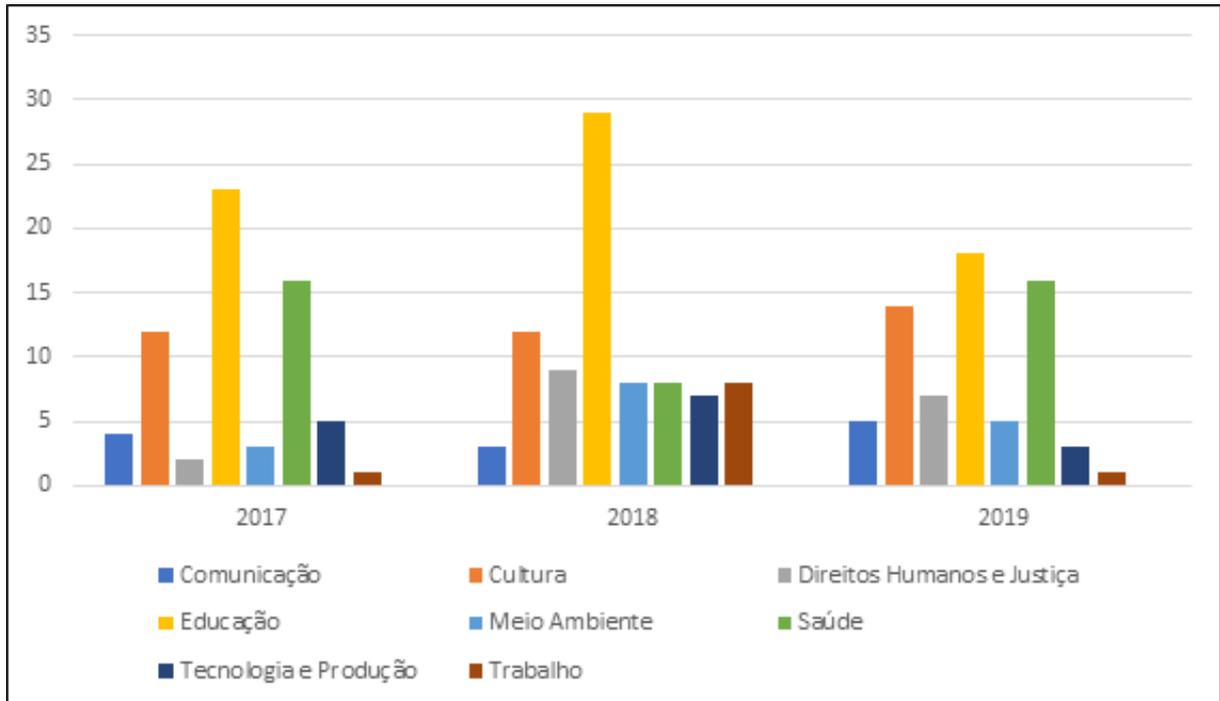
A cidade que concentra a maior quantidade de projetos é Campinas/SP, o que pode ser explicado pelo fato de abrigar o campus sede e maior número de institutos. Em segundo lugar, aparece Limeira/SP, onde temos os campi da Faculdade de Ciências Aplicadas e Faculdade de Tecnologia, seguido de Piracicaba/SP, onde se localiza a Faculdade de Odontologia de Piracicaba. Depois, temos a cidade de Hortolândia, que fica na região metropolitana de Campinas. A cidade sediou um projeto em 2017 e outro em 2018. Quanto as demais localidades, a distribuição foi bem diferente ao longo dos três anos.

#### **4.2 Áreas Temáticas**

Em consonância com o que estabelece em FORPROEX (2012), toda ação extensionista deve ser classificada conforme sua área temática (Comunicação, Cultura, Direitos Humanos e Justiça, Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia e Produção, Trabalho).

Muitos dos projetos submetidos apresentavam mais de uma área temática. A orientação estabelecida quanto a isso é que haja classificação por área temática principal e, caso haja, área temática secundária. Entretanto, através dos dados disponibilizados, não houve possibilidade de fazer essa diferenciação (as respostas foram dispostas em ordem alfabética).

**Figura 2. Gráfico “Áreas Temáticas (distribuição por ano).”**



Fonte: Elaboração própria.

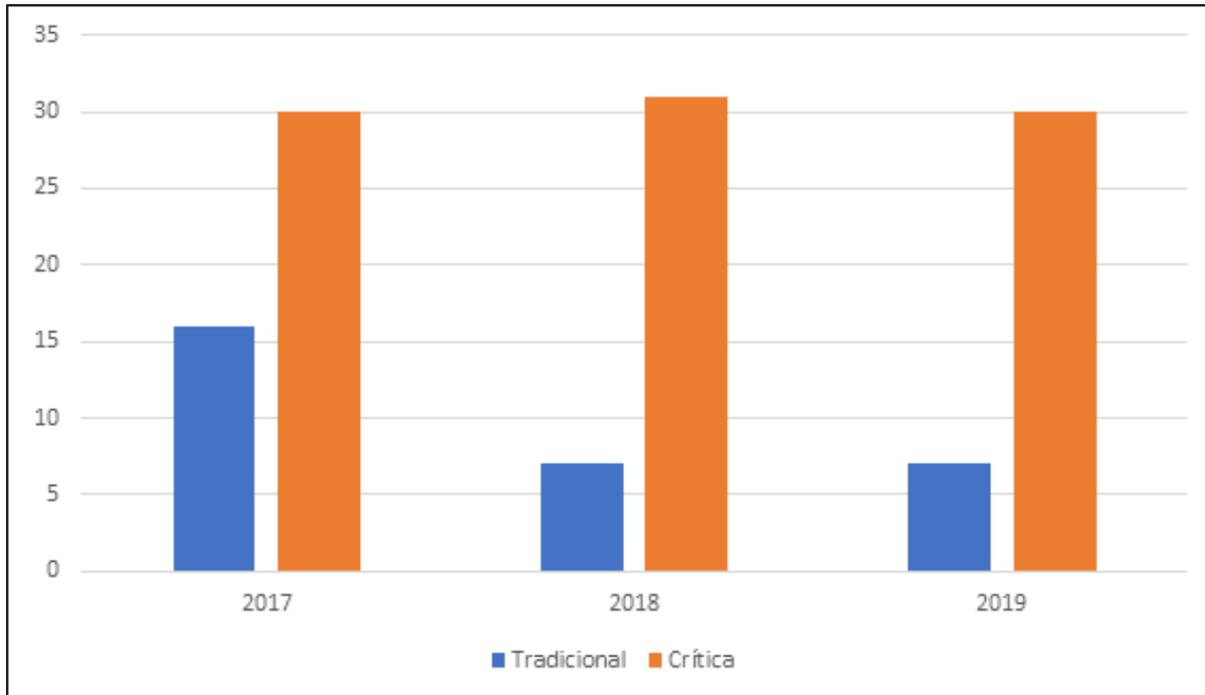
De todo modo, é possível entender quais áreas mais se destacaram, apresentando um padrão (não houve discrepâncias significativas entre a distribuição de áreas ao longo dos três anos). Educação foi a área mais expressiva em todos os anos. Cultura e Saúde também figuraram como importantes nos três anos.

Em porcentagens, no total de três anos (121 projetos), Educação representou 58% dos projetos, Saúde 33% e Cultura com 31%. A menor expressão foi a área Trabalho. Houve um aumento em 2018, chegando a 8 projetos. Em 2017 e 2019 houve apenas 1 projeto em cada ano nessa área temática.

### 4.3 Concepção Extensionista

Aqui retomamos o conceito abordado na metodologia sobre concepção tradicional e crítica, onde crítica atende a diretriz de interação dialógica e pelo menos mais uma diretriz (ver apêndice A).

Houve uma queda significativa de projetos tradicionais em relação ao ano de 2017. Naquele ano, as extensões tradicionais representaram 35% do total de projetos. Em 2018 e 2019 essas porcentagens chegaram em 18% e 19%, respectivamente, graças ao aumento do número de projetos de concepção crítica.

**Figura 3. Gráfico “Concepção (Tradicional x Crítica).”**

Fonte: Elaboração própria.

**Tabela 2. Projetos x Concepção Extensionista.**

Área	Crítica	Tradicional	Total
2017	5	11	16
2018	14	4	18
2019	10	6	16
Total	29	21	50

Fonte: Elaboração própria.

#### 4.4 Diretrizes Extensionistas

Para a análise dessas diretrizes, utilizou-se da pergunta “Por que o projeto deve ser enquadrado como iniciativa de extensão comunitária?”. Aqui coube buscar pelas próprias palavras-chave nas respostas, e ainda pela interpretação do texto, atribuindo a diretriz de acordo com a descrição.

Na tabela a seguir, os resultados com base nas respostas dissertativas analisadas. Não se considerou a diretriz de “Impacto na Formação do Estudante” para essa classificação já que essa diretriz foi analisada isoladamente.

**Tabela 3. Diretrizes Extensionistas.**

<b>Contribuição</b>	<b>2017</b>	<b>%</b>	<b>2018</b>	<b>%</b>	<b>2019</b>	<b>%</b>
<b>Interação Dialógica</b>	33	72	32	84	30	81
<b>Indissociabilidade</b>	16	35	21	55	30	81
<b>Interdisciplinaridade</b>	9	20	22	58	21	57
<b>Transformação Social</b>	12	26	19	50	10	27

Fonte: Elaboração própria.

Chama atenção o aumento da presença de indissociabilidade nos projetos, evidenciando um processo de consolidação da extensão enquanto processo acadêmico.

#### 4.4.1 Indissociabilidade: Ensino e Pesquisa

Os dados a seguir ilustram como os projetos se relacionavam com Ensino e Pesquisa através da contribuição que a ação extensionista traria para cada um dos componentes. Nas tabelas a seguir identificamos as contribuições apontadas por ano, e a respectiva porcentagem relativa ao número de projetos de cada ano.

**Tabela 4. Contribuições da Extensão para o Ensino.**

<b>Contribuição (em %)</b>	<b>2017</b>	<b>2018</b>	<b>2019</b>
<b>Aplicação prática de conhecimentos teóricos</b>	37	39	41
<b>Aprimoração de metodologias do docente</b>	9	21	27
<b>Criação de novas disciplinas</b>	2	13	8
<b>Diálogo com disciplina(s) existente(s)</b>	43	34	32
<b>Estágio supervisionado</b>	11	5	5
<b>Impacto na formação/pensamento crítico dos estudantes participantes</b>	17	39	32
<b>Interdisciplinaridade</b>	11	11	14
<b>Promoção de debates sobre questões relativas ao projeto</b>	24	26	30
<b>Sem contribuição</b>	7	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Ainda na dimensão de Ensino, temos a contribuição direta para a formação dos estudantes.

**Tabela 5. Contribuições para formação dos estudantes.**

<b>Contribuição (em %)</b>	<b>2017</b>	<b>2018</b>	<b>2019</b>
<b>Formação Cidadã</b>	89	87	86
<b>Formação Acadêmica</b>	52	82	68
<b>Formação Profissional</b>	50	53	43

Fonte: Elaboração própria.

**Tabela 6. Contribuições da Extensão para a Pesquisa.**

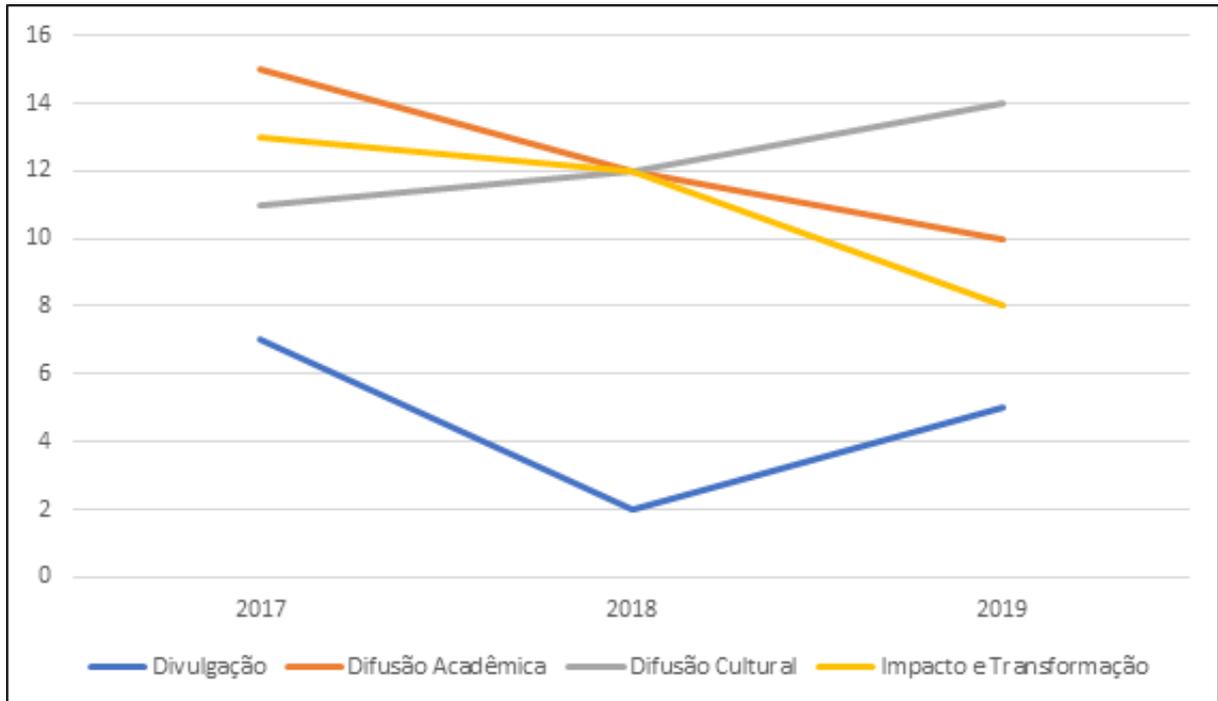
<b>Contribuição para Pesquisa (em %)</b>	<b>2017</b>	<b>2018</b>	<b>2019</b>
<b>Coleta de dados para pesquisa</b>	17	39	41
<b>Contribuição futura</b>	24	32	31
<b>Contribuição para o docente</b>	43	45	31
<b>Contribuição para orientandos</b>	43	32	30
<b>Sem contribuição</b>	2	-	-

Fonte: Elaboração própria.

#### **4.5 Envolvimento da Comunidade**

A partir dessa classificação temos uma dimensão do grau de envolvimento entre comunidade e universidade, seguindo a classificação de Bravo (2011) de níveis de envolvimento. O primeiro e mais básico nível (Informação e Comunicação) não foi identificado em nenhum dos anos. Divulgação se apresenta com menor expressividade, tendo maior protagonismo os três últimos níveis: Difusão Acadêmica, Difusão Cultural e Impacto e Transformação Social.

No gráfico a seguir vemos essa distribuição ao longo dos três anos.

**Figura 4. “Envolvimento da Comunidade.”**

Fonte: Elaboração própria.

Na tabela 7, é possível ver a distribuição a partir da ótica da concepção (tradicional ou crítica), na totalidade dos três anos (121 projetos), correlacionando com o grau de Envolvimento da Comunidade.

**Tabela 7. Envolvimento da Comunidade e Concepção Extensionista.**

Envolvimento da Comunidade	Tradicional	Crítica
Divulgação	14	-
Difusão Acadêmica	16	21
Difusão Cultural	-	37
Impacto e Transformação Social	-	33

Fonte: Elaboração própria.

Ao longo dos três anos, do total de 121 projetos, 50 deles se encaixam enquanto prestação de serviço. Relembrando: se atribuiu “Prestação de Serviço” àqueles projetos que visavam entregar algum serviço, curso e/ou atender demanda específica.

Na tabela 8, vemos essa distribuição de acordo com concepção extensionista nos anos estudados.

**Tabela 8. Projetos de Prestação de Serviço e Concepção Extensionista.**

Área	Crítica	Tradicional	Total
2017	5	11	16
2018	14	4	18
2019	10	6	16
Total	29	21	50

Fonte: Elaboração própria.

Inicialmente, entendemos que grande parte de seus projetos se concentram na cidade de Campinas/SP, em virtude de sediar o principal campus. Ao longo de três anos, a cidade foi localização de 89% dos projetos contemplados. Em menor proporção, temos a presença de Limeira/SP e Piracicaba/SP, onde ficam os campi satélites. A cada ano, houve também a presença de outras cidades, em sua maioria regiões próximas de Campinas, ou até mesmo da região metropolitana, como é o caso de Sumaré e Americana.

É interessante pontuar que todos os projetos feitos fora das cidades que sediam campi da Universidade (Campinas, Limeira e Piracicaba) caracterizaram-se enquanto projetos de concepção crítica.

Também é relevante apontar que tivemos, em todos os anos, projetos realizados em localidades fora do estado de São Paulo: Querência/MT, Caldas/MG, Dourados/MS e Cacoal/RO. Todos esses estavam de alguma forma ligados a temáticas indígenas. A exemplo, um projeto contemplado em Dourados, no Mato Grosso do Sul, voltado para o cinema e sabres indígenas, visava produzir um livro-multimídia que divulgasse a trajetória da Associação Cultural de Realizadores Indígenas (uma associação indígena), articulando produção acadêmica e saberes das populações tradicionais.

Em relação as áreas temáticas do Forproex, o maior destaque é para as áreas de Educação, Saúde e Cultura. Educação figurou como protagonista durante os três anos. Em 2017, 50% dos projetos apresentaram educação dentre suas temáticas (vale lembrar que um projeto pode apresentar mais de uma área temática). No ano seguinte, essa proporção chegou a 76% e em 2019, 49%.

Saúde e Cultura obtiveram proporções parecidas. Saúde representou 33% dos projetos em 2017 obtendo queda no ano seguinte, indo a 21%. Em 2019, o valor dobrou, chegando a 43%. Quanto a Cultura, seus índices representaram respectivamente 31%, 26% e 38% entre 2017 e 2019.

Considerando o total de três anos (121 projetos), excluindo-se as áreas de educação, saúde e cultura, temos em sequência: Direitos Humanos e Justiça (15%), Meio Ambiente (13%), Tecnologia e Produção (12%), Comunicação (10%) e Trabalho (10%). Mesmo tendo menor expressão que Educação, Saúde e Cultura essas áreas tiveram um aumento de participação nos anos de 2018 e 2019 em relação ao ano de 2017 (com exceção da área temática Trabalho, que em 2017 apresentou 1 projeto, teve um salto para 8 projetos em 2018 e voltou para apenas 1 projeto em 2019).

Retomemos agora a classificação dos projetos quanto a concepção extensionista. Os projetos podem ser agrupados em concepção crítica e concepção tradicional. Os projetos que se encaixaram enquanto tradicionais tinham como objetivo atender demandas sociais, sem aplicar o conceito de interação dialógica.

No ano de 2017, a concepção crítica foi identificada em 35% dos projetos. Esse quadro mudou nos anos seguintes, que obtiveram índices expressivamente menores (18% em 2018 e 19% em 2019). A proporção de projetos críticos (que obrigatoriamente atendiam ao critério de interação dialógica) aumentou, ainda que nos anos seguintes houvesse menor número de projetos, indo de 65% em 2017 para 82% em 2018.

Aliado a isso também aumentou o número de projetos que citaram a indissociabilidade como justificativa para se enquadrar enquanto projeto extensionista. Em 2016, somente 35% dos projetos fizeram menção a diretriz. Em 2019, essa representação chegou a 81%. Também aumentou a presença da interdisciplinaridade, que foi citada em 26% dos projetos no primeiro ano. No último ano essa margem atingiu 57%.

Cabe pontuar sobre a diretriz de Transformação Social que apresentou comportamento atípico: em 2017, 26% dos projetos citaram a diretriz. O número aumentou consideravelmente em 2018, chegando a 50%. Entretanto, isso não se verificou no próximo ano, que registrou apenas 27%.

Nos dados analisados, há predomínio dos projetos que se caracterizam enquanto Difusão Acadêmica, nível onde, por geral, se entrega mais o conhecimento produzido internamente pela universidade, mas ainda assim apresenta, ainda que modestamente, algum grau de valorização e abertura a aprendizados vindos da comunidade. Nesse nível, houve uma distribuição homogênea entre concepção tradicional e crítica. Dos 37 projetos que se enquadraram enquanto Difusão Acadêmica (analisando os três anos) 16 se classificaram como concepção tradicional e 21 como concepção crítica. Isso se deve pela relação dialógica não ser muito bem definida nesse nível de envolvimento da comunidade.

O quarto nível (Difusão Cultural) e quinto nível (Impacto e Transformação Social) não apresentaram projetos com concepção tradicional (mais uma vez podendo ser explicado pela relação dialógica, que nesses níveis é mais concreta).

No nível de Impacto e Transformação Social, aqueles onde há protagonismo da comunidade e decisão conjunta sobre a ação extensionista com a universidade, verificou-se queda no ano de 2019. Em 2017, 28% dos projetos se encaixavam nesse nível, crescendo no ano seguinte, chegando a 32%. Em 2019 essa margem atingiu 10% a menos.

No fim, Difusão Acadêmica e Difusão Cultural representaram juntos 62% dos 121 projetos de 2017 a 2019, mostrando que a Unicamp caminha para um estreitamento da relação dialógica com a comunidade. A crescente da Difusão Cultural pode, no futuro, levar a um maior diálogo, e que possibilite que os projetos cada vez mais tendam a se encaixar enquanto Impacto e Transformação Social.

Seguindo a diretriz da indissociabilidade, que está cada vez mais presente nos projetos, tentamos entender as contribuições da extensão para ensino e pesquisa. Para ensino, temos que as maiores contribuições são a aplicação prática de conhecimentos teóricos e o diálogo com disciplinas existentes. Em 2017,

93% dos projetos apresentavam contribuições para o ensino, nos demais anos todos os projetos mencionaram contribuições para o ensino.

Em comparação ao primeiro ano, cresceram os projetos que apresentavam impacto na formação e/ou pensamento crítico dos estudantes. Em 2017, 17% dos projetos citaram esse impacto. Nos anos seguintes, esse percentual chegou a 39% e 32%, respectivamente. Aumentou também o impacto da extensão nas metodologias do docente. Em 2017 apenas 9% apresentavam essa contribuição. No último ano registrou-se percentual de 27%. As contribuições menos citadas foram criação de novas disciplinas, estágio supervisionado e interdisciplinaridade.

Cabe ainda dispor das contribuições diretas aos estudantes. A mais citada foi quanto a formação cidadã. Dos 121 projetos realizados no fim de três anos, 106 apresentavam essa forma de contribuição para a formação cidadã dos estudantes envolvidos com o projeto extensionista. Em segundo lugar temos a contribuição para a formação acadêmica, onde 80 projetos atenderam a essa classificação. Ao longo dos três anos, 34 projetos apresentaram uma formação que contemplava formação cidadã, acadêmica e profissional.

Em relação à pesquisa, a contribuição que mais se destacou foi a contribuição para o docente, mesmo que tenha diminuído de 45% em 2018 para 31% em 2019. Em 2019, a contribuição mais citada foi a de coleta de dados (contribuição para laboratórios de pesquisa, grupos de pesquisa ou disponibilidade de dados. A menção da integração com pesquisa para coleta de dados foi de 17% dos projetos em 2017 para 41% em 2019. A contribuição para orientandos acabou sendo menos citada ao decorrer dos anos: em 2017, 43% dos projetos contribuía diretamente para orientandos (de mestrado, doutorado, iniciação científica) caindo para 32% em 2018 e 30% em 2019.

Há também a dimensão de contribuição futura: possibilidades de se realizar pesquisas a partir do projeto de extensão. No primeiro ano essa possibilidade representava 24% e nos dois últimos anos mais de 30%. Em 2017, 2% dos projetos realizados naquele ano não apresentaram contribuições para pesquisa,

mas assim como verificamos em ensino, nos anos seguintes não houve essa ocorrência, todos os projetos contribuíam de alguma forma.

Por fim, tivemos aqueles projetos em que coube atribuir a classificação de prestação de serviço (essa classificação independe da concepção extensionista). 50 projetos dos 121 realizados de 2017 a 2019 couberam nessa classificação. Quando cruzamos com a concepção extensionista, 42% desses projetos se encaixaram como tradicionais. O restante contemplou projetos de concepção crítica, demonstrando que também projetos críticos podem ser de prestação de serviço, ou seja, atender uma demanda e ainda estar alinhado com as diretrizes extensionistas.

A exemplo, temos um projeto realizado em Americana voltado para o planejamento e implementação de um sistema agroflorestal no ano de 2018. O projeto buscava a implementação de sistemas agroflorestais com ênfase em frutíferas em assentamentos. A universidade levaria conhecimentos e metodologias, mas o projeto tinha por base a participação da comunidade em todas as fases, desde a concepção, execução e avaliação. Entende-se que haveria colaboração entre pesquisadores, extensionistas e comunidades para que em comunhão atendessem as demandas apresentadas pela sociedade. Portanto, o projeto não era restrito apenas a prestação de serviço e pontuou enquanto fonte de indissociabilidade e interação dialógica e o grau de envolvimento com a comunidade era de Transformação e Impacto Social.

Quando comparamos com o indicador de envolvimento da comunidade, baseado em Bravo (2011), fica mais claro como se caracteriza de fato a extensão na Unicamp. Quando analisamos essa relação, percebemos que o nível que mais tem se mostrado presente é o de Difusão Cultural, um nível onde há um envolvimento sólido da comunidade e há valorização do saber social. Esse nível envolvimento tem crescido desde 2017, onde representava 24% e no último ano chegando a 38%. Não houve em nenhum dos três anos projetos voltados ao nível mais básico (Informação e Comunicação), o que pode ser explicado pelas regras do próprio edital, que acaba excluindo projetos que tenham um viés explicitamente assistencialista.

Os projetos do segundo nível (Divulgação) foram em sua totalidade restritos a concepção tradicional, o que se justifica por ser um nível de estreitamento

inicial da relação entre universidade e comunidade, mas não sólido. Nenhum projeto de concepção crítico foi enquadrado enquanto Divulgação, sendo apenas compatível com os níveis posteriores (Divulgação Acadêmica, Divulgação Cultural e Impacto e Transformação Social).

## **5 Considerações Finais**

Esse estudo buscou viabilizar a avaliação da extensão através da proposta de um modelo avaliativo baseado em 4 diretrizes estabelecidas por Forproex (Interação dialógica, indissociabilidade, interdisciplinaridade e transformação social). Posteriormente, o modelo foi aplicado em um estudo de caso da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), a partir dos dados dos projetos contemplados por editais da PROEC.

A extensão universitária fomentada na Unicamp é formada por uma maioria de projetos identificados com concepção crítica, valorizando os saberes criados na comunidade e efetivando a via de mão-dupla de conhecimentos que promove a extensão, formando um mecanismo de aproximação entre universidade e sociedade. O crescente reconhecimento da extensão enquanto um processo indissociável de ensino e pesquisa mostra a possibilidade da extensão universitária se consolidar como uma prática acadêmica indispensável. Quanto a ensino, promovendo uma formação complexa dos estudantes envolvidos que potencializa o exercício da sua cidadania levando os frutos para o âmbito acadêmico e profissional. Para a pesquisa, temos a aproximação com as problemáticas sociais, com a prática. A universidade vai além do reconhecimento de demandas.

Mas isso não quer dizer que não haja espaço para discussão e desafios. A extensão ocupa um espaço estratégico que promove a integração de várias áreas do conhecimento, promove interação dialógica, aproxima ensino e pesquisa e promove a interdisciplinaridade. Nesse contexto, a avaliação surge como instrumento para mensurar a profundidade das relações estabelecidas com a comunidade, proporcionando espaços para discussão da extensão enquanto prática acadêmica e de transformação social, mapeando os desafios a serem superados e fomentando cada vez mais uma extensão plural e que atende as diretrizes que a tornam um componente completo e necessário.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, D. M. P.; ROCHA, M. S. P. D. M. L. D. META-AVALIAÇÃO DE UMA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: ESTUDO DE CASO. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 135-161, 2010. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/avaliacao/article/view/863>. Acesso em: 25 out. 2021.

BARTNIK, F. M. P.; SILVA, I. M. da. AVALIAÇÃO DA AÇÃO EXTENSIONISTA EM UNIVERSIDADES CATÓLICAS E COMUNITÁRIAS. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 453-469, 2010. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/avaliacao/article/view/315>. Acesso em: 26 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018**. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category\\_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 08 ago. 2019.

BRAVO, R.R.M. Extensión: transformaciones vitales en la relación universidad-comunidad. **Universidad en Diálogo: Revista de Extensión**, v. 1, n. 1, p. 9-28, 1. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/dialogo/article/view/1221> Acesso em: 10 nov. 2019.

CAMILLONI, A. R. W. de. La evaluación en proyectos de extensión incluidos en el currículo universitario. **+E: Revista de Extensión Universitaria**, Santa Fe, v. 6, n. 6, p. 24-35, 2017. Disponível em: <https://bibliotecavirtual.unl.edu.ar/publicaciones/index.php/Extension/article/view/6310>. Acesso em: 12 dez. 2019.

CARNEGIE FOUNDATION FOR THE ADVANCEMENT OF TEACHING. **Carnegie Community Engagement Classification 2020**. 2018. Disponível em: <https://www.brown.edu/swearer/carnegie/2020-classification-application-information>. Acesso em: 25 nov. 2019.

FORPROEX. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus: Forproex, 2012. Disponível em: <https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2019.

FORPROEX. **Plano Nacional de Extensão Universitária. Encontro de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas do Brasil**. Manaus: Forproex, 2012. Recuperado de <https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/2012-XXXII-Encontro-Nacional-Brasilia.pdf> Acesso em: 15 ago. 2019.

FORPROEX. **Extensão Universitária: organização e sistematização**. Organização: Edison José Corrêa. Coordenação Nacional do FORPROEX. Belo Horizonte: Coopmed, 2007.

FORPROEX. **Avaliação Nacional da Extensão Universitária**. Brasília: MEC/SESu; Paraná: UFPR; Ilhéus, BA: UESC, 2001. (Coleção Extensão Universitária; v.3).

FRAGA, L. S. **Extensão e transferência de conhecimento: as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares**. 2012. 242 f. Tese (Doutorado) - Curso de Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

GAVIRA, M. de O. .; GIMENEZ, A. M. N. .; BONACELLI, M. B. M. . Proposta de um sistema de avaliação da integração ensino e extensão: um guia para universidades públicas brasileiras . **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 395-415, 2020. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/avaliacao/article/view/4026>. Acesso em: 17 out. 2021.

MAXIMIANO JUNIOR, Manuel et al. (org.). **Indicadores Brasileiros de Extensão Universitária (IBEU)**. Campina Grande: EDUFCG, 2017. E-book. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX). Relatório de Pesquisa 2017. Disponível em: [http://www.unirio.br/proreitoriadeextensaoecultura/quemsomos/Relatorio\\_de\\_Pesquisa\\_Forproex\\_EBOOK.pdf](http://www.unirio.br/proreitoriadeextensaoecultura/quemsomos/Relatorio_de_Pesquisa_Forproex_EBOOK.pdf). Acesso: 26 out. 2021.

MENDONÇA, S. G. L., & Silva, P. S. Extensão universitária: uma nova relação com a administração pública. **Extensão Universitária: ação comunitária em universidades brasileiras**. São Paulo, v.3, p. 29-44, 2002.

NOGUEIRA, M. D. D. P. Extensão Universitária no Brasil: uma revisão conceitual. In: FARIA, Dóris Santos de (org.). **Construção Conceitual da Extensão Universitária na América Latina**. Brasília: Universidade de Brasília, p.57-72, 2001.

NOGUEIRA, M. D. D. P. (Org.). **Avaliação da extensão universitária: práticas e discussões da comissão permanente de avaliação da extensão**. Belo Horizonte: FORPROEX/CPAE; PROEX/UFMG, 2013.

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Estadual de Campinas (PROEC). (2017). **RESULTADO FINAL – 11º EDITAL PEC**. Recuperado de <https://www.proec.unicamp.br/assets/docs/proec/editais/pec/pec2017-resultado.pdf> Acesso em: 01 dez. 2019.

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Estadual de Campinas (PROEC). (2018). **Classificação – 12º Edital PROEC – PEC 2018**. Recuperado de [https://www.proec.unicamp.br/assets/docs/proec/editais/pec/Propostas%20Selecionadas%20com%20Recursos\\_PEC\\_2018.pdf](https://www.proec.unicamp.br/assets/docs/proec/editais/pec/Propostas%20Selecionadas%20com%20Recursos_PEC_2018.pdf) Acesso em: 01 dez. 2019.

RIBEIRO, R. M. C. A extensão universitária como indicativo de responsabilidade social. **Revista Diálogo: pesquisa em extensão universitária**, Brasília, v. 15, n. 1, p. 81-88, 2011. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/download/3185/2079>. Acesso em: 08 ago. 2019.

SANTOS, J.; ROCHA, B.; PASSAGLIO, K. EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E FORMAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 7, n. 1, p. 23-28, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/3087> Acesso em: 15 set. 2019.

SOBRINHO, J. D. Avaliação da educação superior: avanços e riscos. **EccoS – Revista Científica**, São Paulo, v. 10, n. especial, p. 67-93, 2008. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/avaliacao/article/view/4026>. Acesso em: 17 out. 2021.

SLEUTJES, M. H. S. C. Refletindo sobre os três pilares de sustentação das universidades: ensino-pesquisa-extensão. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, RJ, v. 33, n. 3, p. 99 a 101, 1999. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/7639>. Acesso em: 09 set. 2019.

## APÊNDICE A – CRITÉRIOS AVALIATIVOS

Diretriz	Atendeu	Não atendeu
<p><b>Interação Dialógica:</b> Forma em como a comunidade se envolvia com o projeto</p>	<p>Existência de parcerias externas à universidade (secretarias e órgãos governamentais; sindicatos; associações; coletivos; grupos e núcleos; entidades sociais; instituições públicas e privadas; escolas; lideranças locais; fundações e programas); participação da comunidade no processo de desenvolvimento; espaços para diálogo e discussão colaborativa.</p> <p>Grau de envolvimento com comunidade (BRAVO, 2011) III. Difusão Acadêmica IV. Difusão Cultural V. Impacto e Transformação</p>	<p>Ausência de parcerias com a comunidade; não há evidências de colaboração ativa da comunidade no desenvolvimento; ausência de espaços de diálogo com a comunidade; prestação de serviço.</p> <p>Grau de envolvimento com comunidade (BRAVO, 2011) I. Informação e comunicação II. Divulgação</p>
<p><b>Indissociabilidade:</b> Extensão e Ensino</p>	<p><b>Ensino:</b> Envolvimento de disciplinas de graduação e pós-graduação; criação de novas disciplinas; participação direta de discentes no projeto; desenvolvimento de metodologias de ensino; articulação entre teoria e prática; estágio supervisionado; contribuição profissional/acadêmica para os estudantes envolvidos; geração de base de dados; aprofundamento de conhecimentos teóricos.</p>	<p><b>Ensino:</b> Ausência de envolvimento de discentes; projeto não articulava com nenhuma disciplina; não explicita como o conhecimento gerado poderia impactar nas ações de ensino</p>
<p><b>Indissociabilidade:</b> Extensão e Pesquisa</p>	<p>Contribuição para dissertação, iniciação científica ou TCC; envolvimento com linhas de pesquisas; abertura para novos projetos de pesquisa; contribuição para atividades de pesquisa realizadas pelo docente; envolvimento ou criação de grupos de estudo; produção de artigos científicos; obtenção de dados; divulgação científica; envolvimento com laboratórios de pesquisa.</p>	<p>Projeto não relacionado com nenhuma linha de pesquisa; não obtém como produto dados ou informações para produção acadêmica; não evidencia como o projeto pode fomentar trabalhos futuros.</p>
<p><b>Interdisciplinaridade:</b> Entender de que maneira o projeto consegue articular diferentes processos e conhecimentos</p>	<p>Envolvimento de mais de uma linha de pesquisa; envolvimento de mais de uma disciplina; envolvimento de estudantes de diferentes cursos; articulação entre diferentes áreas temáticas; parcerias entre instituições diversas</p>	<p>Projeto apenas relacionado a uma área temática; ausência de parcerias de naturezas distintas</p>